

DISPOSITIVOS DE CRÍTICA JORNALÍSTICA NA ESFERA PÚBLICA EM REDE¹

MEDIA CRITICISM APPARATUS IN THE NETWORKED PUBLIC SPHERE

Alisson Coelho ²

Resumo: O artigo discute a centralidade do conceito de dispositivo como eixo de análise para os diferentes episódios de crítica das práticas jornalísticas vistas em rede. Ao final de um percurso de seis anos de pesquisas em torno de diferentes aspectos da construção, difusão, circulação e retorno da crítica jornalística nos ambientes em rede e nas redações, entendemos que não há uma crítica, mas diversas críticas mais ou menos estabelecidas em torno do campo jornalístico com diferentes níveis de epistemologização. Aqui discutimos o conceito de dispositivo, a partir de Foucault, Agamben e Braga, como um operacionalizador para compreendermos o funcionamento conjunto (ou sistêmico) e individual desses lugares de crítica difusos em rede.

Palavras-Chave: Crítica midiática. Dispositivos críticos. Jornalismo.

Abstract: The article discusses the centrality of the concept of a device as an axis of analysis for the different episodes of criticism of journalistic practices seen in a network. At the end of a six-year research path around different aspects of the construction, diffusion, circulation and return of journalistic criticism in networked environments and newsrooms, we understand that there is no criticism, but several criticisms more or less established around of the journalistic field with different levels of epistemologization. Here we discuss the concept of device, from Foucault, Agamben and Braga, as an operator to understand the joint (or systemic) and individual functioning of these diffused networked criticisms.

Keywords: Media Criticism. Critical Devices. Journalism.

1. Episódios de crítica difusos em rede

Não existe uma crítica de mídia no Brasil. Existem múltiplos episódios de crítica difusos em rede. Esses episódios envolvem múltiplos atores, múltiplos lugares. São muitas as motivações e os graus de conhecimento do fazer midiático envolvidos nesse processo. São poucos os lugares de crítica contínua e menores em número de canais os lugares de crítica

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020

² Docente na Universidade Feevale. Doutor em Comunicação pelo PPGCom da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. alisson@feevale.br.

especializada. Isso significa que não crítica midiática no país? Não é o que se observa na prática.

As redes mostram um grande fluxo de expressões de crítica midiática. Esses dados são parte dos resultados dos estudos que desenvolvemos nos últimos seis anos. O foco, especificamente, eram manifestações de crítica às práticas do jornalismo. O que se pode perceber é um tensionamento constante do que é produzido nas redações por diferentes atores. O que existe, então, é uma crítica descentralizada que, no conjunto dessas manifestações pode ser entendida como crítica sistêmica, a exemplo do que Braga mostrou em *A sociedade enfrenta a sua mídia* (2006).

Partindo dessa premissa, a dificuldade que se impõe, do ponto de vista prático da pesquisa e da análise desse momento da crítica de mídia, é como perceber o funcionamento desse sistema em meio a explosão dos episódios críticos. Essa dificuldade se agrava pela aparente confusão entre crítica e ataque³. O que tem se visto no mundo e, particularmente, no Brasil, é uma escalada virulenta contra veículos de comunicação e jornalistas. Esses ataques têm sido denunciados por diferentes entidades nacionais e internacionais e foi exposto em números no relatório *Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil*, divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em janeiro de 2020⁴.

Como temos afirmado, são muitos os lugares de uma crítica que é normalmente episódica e há uma explosão de manifestações contrárias à mídia. Por outro lado, a análise que fazemos em *Jornalismo Sociedade e Crítica – Potencialidades e Transformações*⁵ (2017) mostra que um dos fatores preponderantes para que a crítica jornalística tenha incidência nas redações é justamente o volume de manifestações e o acúmulo de atores críticos envolvidos em um episódio.

Isso mostra que, apesar de dispersa, a crítica das práticas jornalísticas quando funciona (e por certo nem sempre funciona) tem incidência na produção a partir de um caráter sistêmico

³ Essa diferença pode parecer simples, mas não é. A partir de Braga (2006) e nas pesquisas que desenvolvemos posteriormente (sintetizadas em Coelho, 2017 e 2019), percebemos o comentário social crítico, ou seja, a crítica feita por leitores, como componente importante das manifestações de crítica midiática no contexto atual. No entanto, a análise do conteúdo desses comentários mostra uma mistura de crítica e ataque que tornam a análise desafiadora.

⁴ Disponível em <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-aumenta-54-em-2019/> Acesso em 25 de janeiro de 2020.

⁵ Dissertação de Mestrado defendida em março de 2015 no PPGCom da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com a orientação da professora Dra. Christa Berger e que posteriormente foi publicada em livro pela Editora Insular em 2017.

observado por Braga ainda em 2006 na obra que referimos anteriormente. Ora, do ponto de vista teórico e da busca pelo fortalecimento do próprio jornalismo, o que se espera é justamente que a crítica tenha incidência positiva nas redações.

Quando, entre 2013 e 2014, passamos pelas redações de alguns dos principais jornais brasileiros⁶ para entender como as críticas eram recebidas e o que se fazia com essas manifestações no ambiente da produção jornalística, vimos como episódios de crítica mudavam efetivamente posturas nas redações. Posteriormente cunhamos o termo circulação responsiva (Coelho, 2016) para nomear a circulação de respostas da sociedade no interior dos veículos de comunicação.

Naquele momento, partindo da hipótese (posteriormente confirmada) de que as críticas feitas pela sociedade chegavam à redação, buscamos inicialmente identificar marcas dessa crítica dentro dos jornais. É certo que em maior ou menor grau, essas respostas acompanham o jornalismo desde que ele se transformou em um importante agente social, mas a constatação básica, e óbvia, é de que a internet se tornou o canal de interação por excelência nos últimos anos.

A partir da observação dos fluxos da crítica social nos jornais, podemos identificar quatro momentos da circulação responsiva dentro das redações. Durante as entrevistas que realizamos nos quatro jornais procuramos explorar o funcionamento desses momentos como forma de ter um panorama geral da atuação das respostas da sociedade no Jornalismo na busca por regularidades no tratamento dessas críticas.

Esses quatro momentos dividimos entre a recepção da crítica, a seleção dos comentários, a circulação na redação dessas respostas e, por fim, as afetações que a crítica social da mídia gera na prática jornalística. Reforçamos que, apesar do uso do termo recepção, ele não é pensado nos moldes do que se pensava ser a recepção dos produtos dos meios de comunicação de massas, mas apenas com a ideia de chegada.

Outro ponto a ser destacado é que o modelo que então construímos não é linear. Esses processos se confundem, sem um ordenamento específico. Nas observações também é possível visualizar a existência da circulação da crítica à parte dos processos implementados pelos jornais, chegando diretamente aos repórteres ou por meios diferentes daqueles pensados pelas

⁶ A pesquisa articulou metodologias como entrevista, observação de rotinas com inspiração etnográfica e estudos de casos coletados em visitas nas redações de O Globo, Correio Braziliense, Folha de S. Paulo e Zero Hora.

empresas jornalísticas. Essas críticas, no entanto, se confundem no momento em que passam a habitar as redações, integrando um mesmo fluxo.

Dentro das redações as impressões da sociedade sobre a mídia vivem em um jogo constante de resistência e acolhimento. Seu fluxo na redação ainda não se naturalizou como componente orgânico dos processos jornalísticos. Por essa incompletude, o movimento de abertura ou fechamento ainda depende de diferentes fatores.

A resistência e o acolhimento estão presentes a partir do momento em que os comentários são selecionados. A tendência das equipes é acreditar que a quantidade irá suprir a diversidade de manifestações. Em um movimento que até pode ser visto como natural, as críticas normalmente não são analisadas em sua especificidade, mas pela repercussão que causam nas redes.

É na perspectiva de perder ao menos parte da credibilidade construída – seu maior capital - que os jornais se abrem ao diálogo com a sociedade. A circulação, em quantidade significativa, de comentários que questionam suas práticas mobilizam as redações a estabelecer uma dialogia, mesmo que com agentes que não sejam aqueles com os quais as empresas querem dialogar.

Essas considerações, colhidas no interior das redações, mostram que a efetividade da crítica jornalística está associada à multiplicidade. Esse volume de vozes está imediatamente ligado às muitas possibilidades que se abriram a partir da popularização da internet e do crescimento das plataformas de redes sociais digitais⁷. Mudanças que reconfiguraram aquilo Habermas conceituou como esfera pública e reposicionaram os atores dos processos comunicacionais massivos.

Considerando então a multiplicidade como fator importante para que a crítica do jornalismo se efetive, propomos uma análise dessas vozes que buscam questionar o jornalismo

⁷ Considerando as características próprias de serviços como Twitter, Facebook, Instagram e outros, optamos por chama-los de plataformas de redes sociais. Esses serviços ficaram popularmente conhecidos como redes sociais ou mídias sociais. Axl Bruns (2015) lembra que toda mídia ou rede é, por natureza, de caráter social: “uma mídia não pode ser uma mídia se ela não faz uma mediação, e não pode ser uma mídia social a menos que ela faça essa mediação de uma forma particular” (p.1, tradução nossa). Assim, as expressões mais populares são conceitualmente incorretas. Bastante utilizada por pesquisadores brasileiros, a definição de Boyd e Ellison (2007) chama esses serviços de “sites de redes sociais” (p.11), expressão que parece datada em função das múltiplas possibilidades de uso e dispositivos que suportam esses serviços. Assim, nos parece que a expressão que mais se aproxima das particularidades desses serviços seria *plataformas de redes sociais*, especialmente considerando que cada uma dessas plataformas tem algoritmos diferentes que direcionam seu funcionamento.

em rede. Justamente por esse caráter difuso, como referimos, mapear e entender essas manifestações se torna um desafio metodológico e conceitual.

Na busca por entender esse sistema crítico esquadrinhando as práticas cotidianas desses atores travestidos em críticos, neste artigo propomos a utilização do conceito de dispositivo como teoria de alcance metodológico/operacional. Entendendo o conceito, passamos a, a partir dele, observar as manifestações de crítica inserindo-as dentro deste ou daquele dispositivo de acordo com as matrizes de funcionamento colocadas em usos pelos diferentes atores na sociedade em rede.

2. Esfera pública em rede

O jornalismo historicamente ocupou um papel central na esfera pública. Ainda na primeira formulação teórica do termo, feita por Jürgen Habermas em sua tese de livre-docência, *Mudança estrutural da esfera pública*, publicada em 1962, a imprensa tem a função de ser um fórum, para além das instâncias institucionalmente constituídas pelo Estado, que centraliza as discussões públicas. A mídia apresentava aos cidadãos opiniões selecionadas capazes de problematizar publicamente as ações do Estado.

A internet reconfigura processos sociais e a esfera pública de forma abrangente. Essas mudanças alteram também o papel da mídia, com as redes online sendo lugar de debates dos assuntos de interesse coletivo.

Com a mídia dando forma à esfera pública, a emergência da internet e do ciberespaço implica em uma mudança radical na formação da opinião pública (LEMOS; LÉVY, 2010). Uma mudança estrutural de uma esfera pública que até então era totalmente dependente dos grandes meios de comunicação.

Alteram-se as lógicas da conversação pública e, conseqüentemente, as práticas de crítica e de comentário sobre as práticas do jornalismo modificam-se profundamente. A “conversação coletiva pela qual criam-se e distribuem-se as opiniões” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 70) se reestrutura em uma nova forma de produção e distribuição de sentidos.

Naquele momento (o texto referido é de 2010), o olhar de Pierre Lévy se manifesta também em sua visão sobre a democracia nessa nova esfera pública. Para ele, os quatro domínios interdependentes entre si, basilares à democracia, seriam positivamente afetados. A esfera pública conectada teria a capacidade de aumentar a aquisição de informação, de expressão, de associação e de deliberação entre os indivíduos.

Essas mesmas bases que para ele eram potencialmente positivas podem ser pensadas, nessa esfera pública em rede, no sentido de analisar uma construção coletiva de uma crítica das práticas jornalísticas. O próprio Lévy analisa que essa ambiência dá “a palavra a todo mundo, oferecendo os meios para produzir e comentar as notícias do dia” (2010, p. 11).

Nesse contexto, um público mais atento e com mais fontes de informação também se interessaria mais em questionar as construções de realidade oriundas do jornalismo. Suas opiniões sobre esses produtos ganhariam em expressão e a ampliação das possibilidades de associação levam ao estabelecimento de redes de crítica a partir da deliberação dos indivíduos e das conexões entre os diferentes dispositivos.

Os últimos anos mostraram que, de fato, a emergência do digital alterou profundamente toda a conversação pública. No entanto, os prognósticos positivos são altamente questionáveis com o momento vivido pela democracia em diferentes regiões do mundo e, em especial, no Brasil. Ainda que possamos questionar o papel da internet na crise vivida por regimes democráticos, parte da avaliação de Lévy é acertada. Como ele ressaltou naquele momento, “a avaliação, a crítica e a categorização não são mais reservadas aos mediadores culturais tradicionais (clero, professores, jornalistas, editores), mas retorna às mãos das multidões” (2010, p. 11).

Essa descentralização é a base para a proliferação de manifestações de crítica midiática na internet. No entanto, ainda que não tenham mais reservado a si o monopólio da fala, esses atores citados por Lévy não são excluídos dessa esfera pública conectada, mas sim, incorporados aos novos processos interacionais que emergem dela.

Enquanto Lemos e Lévy (2010) chamam essa ambiência de esfera pública conectada, Friedland, Hove e Rojas (2006) a chamam de esfera pública em rede. A diferenciação de nomenclatura pode parecer inócua, mas traz consigo alterações significativas na forma de observar a conformação dessas discussões públicas. Mais do que a conexão à internet, o que caracteriza esse debate público é a formação de redes temáticas e de interesse dos participantes.

Nessas redes alteram-se os fluxos e o ordenamento comunicacional, que passa a ser cada vez mais descentralizado. “Recently, however, network logics have reshaped communicative directions and flows. In particular, they have loosened sub-systemic dependencies, increased flows of communication from below, and created greater instability throughout the entire system” (FRIEDLAND; HOVE; ROJAS, 2006, p. 9).

Professor norte-americano de origem israelita, Yochai Benkler (2006) pensa o que chama de *networked public sphere* como um espaço deliberativo da sociedade civil no ambiente comunicacional em rede. A principal característica desse espaço de deliberação coletiva é sua arquitetura descentralizada e formulada em uma lógica de rede.

Para Benkler é preciso superar a ideia de que o que caracteriza essa esfera pública seja a ferramenta (internet). O principal ativo desse espaço são as práticas de produção social geradas a partir da ferramenta. O efeito inicial dessa ferramenta, observado por ele ainda em 2006, foi a produção informacional de atores de fora do mercado: o trabalho de indivíduos sozinhos e em cooperação com outros, ou de associações formais como ONGs, bem como o retorno do seu efeito sobre a mídia tradicional.

No que diz respeito aos efeitos sobre a mídia, analisamos como essa esfera pública gerada a partir dos ambientes digitais tensiona as práticas jornalísticas. Nesse contexto, podemos perceber o jornalismo como vetor da geração de grupos de interessados em observar sua atuação.

Os interesses que podem levar um participante a se engajar na produção de uma contestação aos produtos do jornalismo são muitos. A polarização política exacerbada desses tempos direciona em muito os debates da esfera pública em rede para as questões políticas. Os atores envolvidos na produção dessa crítica em rede se formam a partir de grupos de interesse ligados diretamente a interesses políticos/ideológicos. Por sua ainda marcante força no debate público, a mídia se torna alvo desses grupos de interesse que, mesmo que defendam posições antagônicas no espectro ideológico, acabam somando suas críticas nessa construção coletiva que temos observado.

Tanto Friedland, Hove e Rojas (2006) quanto Benkler (2006) e Burns e Highfield (2016) observam como característica fundamental dessa esfera pública em rede, de arquitetura descentralizada e fluxos comunicacionais multidirecionais, sua potência desestabilizadora. Os alvos dessa desestabilização são as instituições estabelecidas: os partidos políticos, a noção de Estado e, o que particularmente nos interessa, a mídia hegemônica.

Nessa ambiência, afirma Yochai Benkler (2006), a arquitetura da informação supera em boa medida a assimetria entre os tradicionais polos de emissão e recepção. Assim as pessoas passam a poder dizer, a partir de seus interesses e gostos, o que estão pensando. A linearidade historicamente apontada nas relações entre mídia e sociedade passa a conviver com a horizontalidade das redes.

A formação de uma esfera pública conectada, para além da tecnologia, depende das pessoas. São elas que constroem os nós e links que formam a arquiteturas desses debates públicos. Benkler lembra que não basta ter acesso à internet para que o cidadão se transforme em um ativista político. Da mesma forma no trato com o jornalismo, não basta apenas acesso ou consumo de produtos jornalísticos para que o cidadão se transforme automaticamente em um crítico. É preciso um interesse particular pelo tema, ou pelos temas tratados pelo jornalismo para que uma crítica social passe a se constituir.

O que a esfera pública em rede possibilita são os encontros entre esses grupos de interesse. Benkler busca demonstrar que, mesmo entre os interessados, há níveis de interesse assim como níveis de atividade. Alguns atores dedicarão mais tempo e interesse no tema do que outros, reverberando argumentos em diferentes lugares dentro da internet (comentários em sites jornalísticos, posts em blogs ou comentários em plataformas de redes sociais, por exemplo).

Essa produção dispersa e, ao mesmo tempo, hiper-conectada, como vimos, é o que garante reverberação às contestações da sociedade às construções de realidade oriundas do jornalismo. No aparente caos das redes as múltiplas (e por vezes antagônicas se pensarmos a partir da ideologia) vozes se somam em uma atitude crítica (FOUCAULT, 1995) constante registrada das mais variadas formas.

Percebida a mudança estrutural na conversação em sociedade é preciso, então, desentranhar essas manifestações críticas desenvolvidas em tantos lugares e por tantos atores. Se o funcionamento da crítica é sistêmico, como afirma Braga (2006) e como podemos observar empiricamente nas redações (Coelho, 2017), resta então conseguir analisar esses episódios críticos percebendo particularidades e continuidades entre si para só então teorizar a respeito da reconfiguração dos processos crítica das práticas jornalísticas.

3. O conceito de dispositivo

Em meados da década de 1970 a palavra dispositivo ganha centralidade na obra de Foucault (AGAMBEN, 2009). Em *Vigiar e Punir* (1987), publicado originalmente em 1975, Foucault fala em dispositivos disciplinares e dispositivos de poder. Em *História da Sexualidade* (2010), a ideia de dispositivo aparece largamente, especialmente a partir do pensamento em torno do dispositivo do saber e do dispositivo da sexualidade.

Ao discutir o conceito a partir de Foucault e Deleuze, Eduardo Pellejero (2009) contabiliza a quantidade de vezes em que o termo aparece apenas no volume 1 de História da Sexualidade, lançado em 1976. São 70 ocorrências de uso da palavra. De acordo com Braga (2011), nesse momento Foucault estava interessado particularmente em pensar os dispositivos de controle.

Ainda que com usos em diversos momentos, o objetivo de Foucault nessas duas obras não era a formação de um conceito de dispositivo. Em conversa com Alain Grosrichard, Gerard Wajeman, Jaques-Alain Miller, Guy Le Gaufeys, Dominique Celas, Gerard Miller, Catherine Millot, Jocelyne Livi e Judith Miller⁸, no entanto, Foucault dá pistas importantes para se entender o que é um dispositivo.

Os entrevistadores, ao discutirem o conteúdo de História da Sexualidade, questionam Michel Foucault diretamente: “What is the meaning or the methodological function for you of this term, apparatus (dispositif)?” (FOUCAULT, 1980, p. 194). Interessante observar que a tradução para o inglês utiliza a palavra “apparatus” mas conserva a palavra francesa empregada por Foucault originalmente, “dispositif”.

Foucault inicia a sua resposta dizendo o que compõe um dispositivo em sua visão:

[...] a thoroughly heterogeneous ensemble consisting of discourses, institutions, architectural forms, regulatory decisions, laws, administrative measures, scientific statements, philosophical, moral and philanthropic propositions - in short, the said as much as the unsaid. Such are the elements of the apparatus (FOUCAULT, 1980, p. 194).

Ao analisar essa mesma fala, Agamben (2009) ressalta a heterogeneidade de componentes constituintes. Assim, um dispositivo pode ser composto pelos mais variados elementos, entre eles, instituições, leis, proposições filosóficas e práticas sociais. Para o filósofo italiano, apesar de esses elementos poderem integrar um dispositivo, a partir da fala de Foucault fica claro que ele irá se constituir não apenas pela existência deles, mas principalmente, na “rede que se estabelece entre esses elementos”. (p. 9).

O dispositivo, nessa visada, é diversificado em seus elementos, mas só funciona como dispositivo a partir da rede estabelecida entre eles. Vemos, então, a centralidade da ideia de

⁸ Essa entrevista, publicada primeiramente em *Ornicar? BulleUn periodique du champ freudien* em 1977, não encontramos traduzida para a língua portuguesa. Por ter maior facilidade de compreensão optamos pela versão em língua inglesa publicada em *Power/Knowledge - Selected Interviews and Other Writings 1972-1977 Michel Foucault* em 1980.

redes como conformadoras de dispositivos. Nesse caso não estamos falando exclusivamente de redes digitais, ainda que elas tenham papel importante na ideia de um dispositivo crítico das práticas jornalísticas atualmente.

Essa mesma direção é tomada por Foucault na mesma resposta que citamos. Ele afirma, então, que “The apparatus itself is the system of relations that can be established between these elements” (1980, p. 194).

Ao mesmo tempo em que revela seu projeto de análise, Foucault dá pistas para o entendimento de um dispositivo. De acordo com ele, sua análise naquele momento consistia em identificar em cada dispositivo a natureza da conexão existente entre os elementos heterogêneos que o formam.

Assim podemos pensar a análise de um dispositivo a partir das conexões estabelecidas no interior dele e do próprio funcionamento. São os pontos de contato entre os diversos e diferentes elementos que moldam o dispositivo.

Ao analisar a noção de dispositivo para Foucault, Agamben (2009) entende, e propõe como hipótese, que dispositivo é um termo técnico essencial para o pensamento foucaultiano.

Não se trata de um termo particular, que se refira somente a esta ou aquela tecnologia do poder. É um termo geral, que tem a mesma amplitude que, segundo Hyppolite, a "positividade" tem para o jovem Hegel e, na estratégia de Foucault, vem a ocupar o lugar daqueles que ele define criticamente como "os universais" (les universaux). Foucault, como sabem, sempre recusou a se ocupar daquelas categorias gerais ou entes da razão que chama de "os universais", como o Estado, a Soberania, a Lei, o Poder. Mas isto não significa que não há, no seu pensamento, conceitos operativos de caráter geral. Os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana ocupa o lugar dos Universais: não simplesmente esta ou aquela medida de segurança, esta ou aquela tecnologia do poder, e nem mesmo uma maioria obtida por abstração, de preferência, como dizia na entrevista de 1977, "a rede (le reseau) que se estabelece entre estes elementos" (AGAMBEN, 2009, p. 11).

O terceiro ponto abordado por Foucault em sua resposta sobre o que seria o seu conceito de dispositivo diz respeito, em dois sentidos, aos motivos para a constituição desses dispositivos e ao funcionamento deles. A formação de dispositivos na visada foucaultiana está ligada ao momento histórico e responde a uma necessidade. Há um imperativo estratégico como matriz para que os diferentes elementos se aglutinem na formação de um dispositivo.

Giorgio Agamben define como dispositivo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (2009, p. 13).

Partindo dessa concepção podemos analisar a comunicação como dispositivo. Todo o desenvolvimento da linguagem, os produtos da mídia e, por fim, o jornalismo, são dispositivos no sentido de modelar, de alguma forma, as condutas e opiniões na sociedade. Não apenas o jornalismo pode ser analisado como dispositivo particular, mas a construção da crítica a ele conforma-se a partir de múltiplos dispositivos.

Em uma visada semelhante, Deleuze pensa os dispositivos como máquinas concretas de fazer ver e de fazer falar. Assim, enunciação e visibilidade se tornam dimensões fundamentais para os dispositivos. A visibilidade é pensada, então, a partir do “regime de luz” de cada dispositivo. Ela não é avaliada na forma como os sujeitos são vistos ou se veem, mas sim, na ideia do sujeito enquanto objeto visível.

4. Dispositivos interacionais

Operacionalizar a noção de dispositivo é uma proposta apresentada por José Luiz Braga ainda em 2011. Naquele momento ele pensava na análise de estudos dentro do que podemos pensar como “área da comunicação” na busca por analisar as matrizes interacionais utilizadas no que ele chama de episódios de interação.

Ao discutir o caráter “tentativo” da comunicação, Braga (2017) afirma que as múltiplas tentativas de comunicar são baseadas em episódios de interação. Essas tentativas têm os mais diversos objetivos e estratégias, mas se organizam a partir da “geração de dispositivos sociais para a comunicação – uma *produção social* de dispositivos interacionais [...]” (p. 6, grifo do autor).

Assim, os dispositivos interacionais seriam aqueles engendrados pelos participantes nos episódios em que tenta se comunicar. De acordo com Braga, e em uma visada que dialoga com a ideia de múltiplos dispositivos permeando a sociedade vista em Foucault, há uma imensa diversidade de dispositivos interacionais.

Braga (2011) conceitua os dispositivos interacionais como matrizes que os participantes elaboram socialmente e que a sociedade aciona em diferentes episódios para interagir. Uma das características principais desses dispositivos é a sua constante reelaboração.

Agora tratamos, em geral, de matrizes socialmente elaboradas e em constante reelaboração, que de um modo ou outro a sociedade aciona para poder interagir. No presente estudo, o que importa é assinalar que tais dispositivos são elaborados através do processo mesmo de interações tentativas – que geram, por aproximação sucessiva, modos e táticas na busca de uma efetividade comunicacional ampliada, desenvolvendo, na prática, objetivos e critérios indicadores de sucesso (BRAGA, 2011, p. 8).

A ideia de matrizes no conceito pensado por Braga nos interessa de forma particular. As matrizes dos dispositivos interacionais passam por um duplo movimento. Primeiro, como fica claro na fala do autor, são elaboradas e constantemente reelaboradas pelos participantes. Isso dá a essas matrizes um caráter mutável, evolutivo e também histórico.

No contexto da produção social de dispositivos interacionais podemos, então, situar os dispositivos de crítica do jornalismo. Sua evolução histórica, e a proliferação deles, mostra um processo de complexificação e enraizamento na sociedade importante para pensarmos o próprio jornalismo e sua função social.

É interessante observar que o próprio Braga, em seu percurso de pesquisa ao longo dos anos, vai se dedicar primeiro a pensar os “dispositivos sociais de crítica midiática” (2006) antes de se aprofundar na ideia de dispositivos interacionais (2011).

Mobilizados em ambientes diferentes e com graus de institucionalização igualmente diversificados, os dispositivos críticos apresentam objetivos e ações múltiplas. Braga (2006) identifica oito tipos de ações distintas, que variam desde (1) interpretações qualitativas sobre os produtos da mídia até a (2) militância social, passando ainda por (3) processos de controle e de enfrentamento da mídia, (4) retornos com indicações para correções e revisões, (5) classificação e sistematização de informações, (6) circulação comercial, (7) processos educacionais e formativos e, por fim, (8) processos de aprendizagem em público.

Esses dispositivos, de acordo com Braga, em muitos casos utilizam a própria mídia como veiculadora de suas falas. Acrescentamos, aqui, que além de se utilizar, em algumas situações, da própria mídia como forma de tornar pública as suas críticas, percebemos que as próprias lógicas de produção e circulação oriundas da mídia são apropriadas pelos dispositivos. Assim, podemos perceber o conjunto de blogs e sites mobilizados por jornalistas profissionais que deixaram algumas das principais redações do país um como, no conjunto deles, um dispositivo de crítica com características particulares e lógicas de mídia bem fundamentadas.

Considerando a ideia de matrizes como central para os dispositivos interacionais e, conseqüentemente, para os dispositivos críticos, a investigação em torno dos dispositivos de

crítica deve, então, pensar os modos de fazer, os códigos engendrados no interior desses dispositivos e tornados disponíveis, bem como entender que necessidade a sociedade busca atender ao elaborar aquele dispositivo.

A partir do conceito de dispositivo procuramos, durante pesquisa de doutorado (Coelho, 2019), encontrar nas críticas da sociedade esse funcionamento conjunto, que se utiliza de matrizes socialmente elaboradas. Metodologicamente, nos apropriamos do conceito para colocar em prática a proposta de Braga de utilizar a ideia de dispositivo como teria de médio alcance que ajuda a entender os episódios de interação na sociedade.

Nesse artigo optamos por não da ênfase central aos dispositivos que elencamos como resultado da pesquisa. A ideia aqui é justamente discutir a operacionalidade do conceito de dispositivo. Apesar disso, apresentamos a seguir os dispositivos de crítica midiática observados ao longo do período de doutoramento, atualizando características de alguns deles a partir de uma nova observação em rede.

Os dispositivos mapeados

Durante os quatro anos de pesquisa de doutorado partimos das definições de dispositivo para identificar em rede manifestações críticas que pudessem ser observadas em funcionamento conjunto. Metodologicamente o trabalho teve inspiração netnográfica em um trabalho de observação das páginas do Jornal Nacional, da Folha de S. Paulo e da revista Veja. O objetivo era duplo: primeiro observar vozes críticas nessas páginas, depois, identificar casos representativos de alto fluxo crítico para a realização de estudos de casos múltiplos.

Esse trabalho nos mostrou uma crítica construída em rede, e que se alimenta de diferentes aportes. Ela é produzida por múltiplos participantes, com perfis diversos, que identificamos nas interações em rede. Pelas características particulares dos diferentes tipos de participantes, e por gerarem matrizes de atuação crítica, passamos a perceber cada vertente crítica como dispositivo, que se articula com outras manifestações críticas em um funcionamento sistêmico entre os dispositivos.

Como referido por Braga (2011), esses dispositivos são elaborados socialmente e constantemente reelaborados pelos participantes dos processos comunicacionais. Esses processos geraram matrizes de atuação, que acabam por estabelecer as práticas dentro do dispositivo.

Percebemos que cada um dos dispositivos que identificamos guarda especificidades diretamente relacionadas ao perfil dos participantes. Por isso, mesmo que conceitualmente algumas dessas críticas venham de um mesmo lugar, no caso a própria prática jornalística, percebemos elas como dispositivos distintos em seus funcionamentos, como ficará mais claro a seguir.

Em nossa análise percebemos que, como estratégia principal, os participantes se apropriam da crítica produzida em outros dispositivos, usando-as de distintas maneiras. Como base ou elemento incentivador de uma crítica, como mecanismo de legitimação ou, ainda, como forma de amplificar sua própria crítica. Essa estratégia gera reverberação das críticas, que por sua vez, passa a chamar a atenção da sociedade e dos próprios meios de comunicação.

Assim, a própria formação desse sistema crítico e os múltiplos atravessamentos entre os dispositivos podem ser entendidos como estratégia da sociedade no momento de questionar o jornalismo. Alguns dos participantes que se mobilizam no interior dos diferentes dispositivos são oriundos ou ainda integram a própria prática jornalística. Realizam sua crítica tanto dentro quanto fora das principais redações do país. Considerando a proposta teórica de Foucault (1995), caracterizamos essa crítica como crítica polêmico-profissional.

Nessa vertente podemos identificar diferentes dispositivos de crítica. Ainda que tipificados de uma mesma maneira, a partir dessa concepção baseada em Foucault, percebemos essas críticas como oriundas de diferentes dispositivos pelas particularidades dos diferentes processos críticos desenvolvidos.

O ombudsman, e sua crítica profissional realizada dentro da redação, é um deles. Sua atividade guarda particularidades que se diferem em muito de outros dispositivos polêmico-profissionais. Outro dispositivo, talvez o mais atuante nesse tipo de crítica, é aquele formado por profissionais que seguem na prática. Eles se dividem entre aqueles que atuam em sites e blogs independentes e aqueles que seguem dentro das principais redações do país.

Esses profissionais se diferenciam daqueles especializados na análise de conteúdos. Sua atividade crítica é esporádica, atrelada a episódios de grande repercussão. Ela se manifesta, justamente, em episódios que podem ser considerados como polêmicos. Em função disso, na hora de atribuir um nome a essa crítica, a estamos caracterizando a partir do nome de sua tipologia: crítica polêmico-profissional eventual.

Ainda dentro da tipologia foucaultiana de crítica polêmico-profissional identificamos uma crítica feita por profissionais em análise de mídia. Entre os produtos midiáticos analisados

eles se ocupam também da crítica ao jornalismo. A esse tipo de manifestação crítica, rara no Brasil, chamamos de crítica profissional.

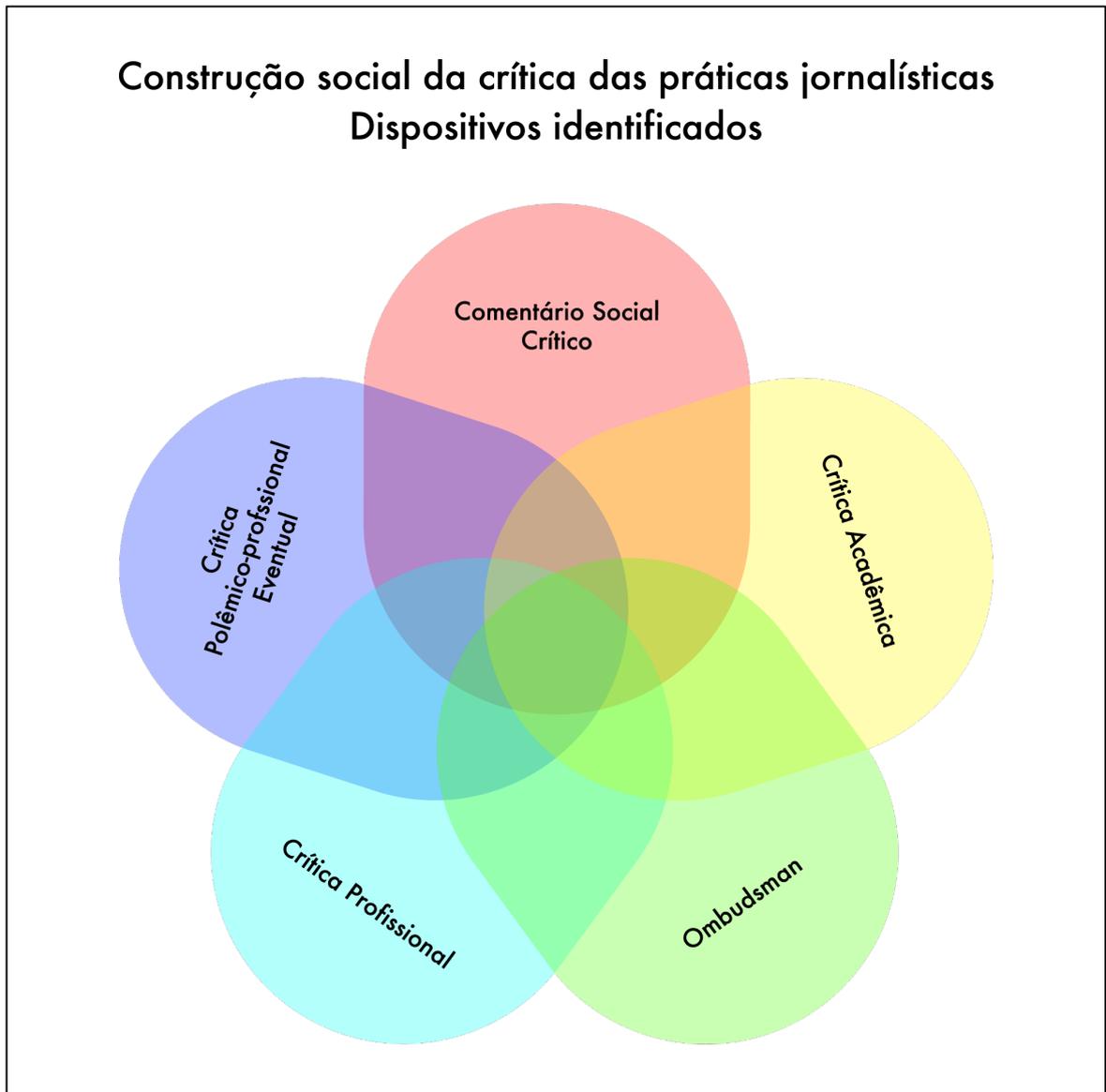
Por fim, podemos situar a crítica acadêmica dentro dessa tipificação de Foucault, tendo em vista que ela é mobilizada majoritariamente por acadêmicos com formação na área, ou ainda, por estudantes de jornalismo. Mesmo quando mobilizada por jornalistas, essa é uma crítica bastante particular em sua conformação, até pelos aportes teóricos e pelo perfil desses profissionais. No nosso mapeamento ela aparece como crítica acadêmica.

Situado dentro da ideia de uma atitude crítica (FOUCAULT, 1995) de participantes que não são oriundos e não têm relação direta com as práticas jornalísticas temos o que Braga (2006) chama de comentário social. São as manifestações de leitores, ouvintes, telespectadores que se manifestam criticamente em relação aos conteúdos do jornalismo. Uma crítica circulada, especialmente, na internet, e, mais especificamente, nas plataformas de redes sociais e sessões de comentários nos sites dos veículos. Nomeamos esse dispositivo como comentário social crítico.

Todos esses dispositivos interagem entre si com algum grau de articulação e a partir de seus próprios propósitos. O comentário crítico mobilizado pelos públicos nos comentários das páginas oficiais dos três veículos de imprensa que analisamos, e também na caixa de comentários do site da Folha de S. Paulo, se apropria de críticas construídas em outros espaços, por outros atores.

Também esses outros dispositivos se apropriam dos comentários dos leitores – leitor entendido como termo genérico usado para identificar participantes que não têm relação direta com a prática jornalística. Em alguns casos, é a repercussão da crítica movida nas redes sociais que motiva outras construções críticas, sejam elas de jornalistas, do ombudsman (no caso da Folha de S. Paulo), ou mesmo de acadêmicos.

Figura 1 - Esquema para pensar a construção social da crítica das práticas jornalísticas



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos dispositivos que identificamos, construímos a representação gráfica o que passamos a chamar de *construção social da crítica das práticas jornalísticas* retratada no modelo acima (Figura 1). Há sobreposição de dispositivos, justamente para mostrar as múltiplas conexões entre eles.

Não buscamos uma hierarquização dos dispositivos, mas percebemos seu grau de capilarização na sociedade a partir de sua interação com os demais dispositivos. Justamente por não definir graus de importância de um dispositivo na relação com o outro é que temos

chamado cada ator crítico de participante. Essa escolha é, por sua vez, um indicativo de como enxergamos os diferentes vértices críticos dessa construção.

Essa construção coletiva da crítica é menos intencional do que o que podemos observar nas dinâmicas no interior dos dispositivos. Incluídos em um mesmo processo crítico, os participantes percebem-se em sua multiplicidade e utilizam o fator quantidade como estratégia de atuação. Já o funcionamento coletivo entre os diferentes dispositivos parece menos intencional e resultado do próprio processo constitutivo de cada dispositivo.

Assim, na construção dos dispositivos, apesar das dinâmicas difusas e das características diversas dos participantes, transparece um processo mais consciente. Os participantes, no caso daqueles dispositivos com uma quantidade maior de participantes, interagem entre si e fazem circular as impressões.

Considerações

A noção de dispositivo foi fundamental na organização da pesquisa e na forma como passamos a entender a formação dessa crítica social. Metodologicamente, pensar cada vertente crítica como dispositivo nos ajudou no direcionamento da observação.

Metodologicamente, ao identificar uma vertente de crítica passamos a realizar um mapeamento de manifestações de mesma natureza e que funcionassem de forma conjunta. Assim conseguimos analisar as práticas dos atores em rede, sua forma de organização e suas estratégias de funcionamento.

O conceito de dispositivo, como visto em Foucault (1980, 1987), Agamben (2009), Deleuze (1990, 1996) e em Braga (2006, 2011, 2017) traz consigo bases importantes para observar as dinâmicas que constituem essa crítica. Vimos como os participantes engendram no interior de cada dispositivo matrizes de atuação que passam a ser replicadas e atualizadas nas práticas críticas.

Para entender as estratégias mobilizadas pela sociedade na construção de sua crítica às práticas jornalísticas tivemos que entender as estratégias engendradas em cada dispositivo. As matrizes geradas não possuem institucionalização definida, nem um manual de como fazer essa crítica. Os participantes fazem e veem fazer. Se organizam e se reorganizam pela necessidade do dispositivo e se articulam com outros dispositivos a partir da vontade de questionar o jornalismo e reverberar nas redes.

Na análise que realizamos dos dispositivos críticos ao jornalismo fica evidente como as variações dos “regimes de luz” provocam desequilíbrios entre os diferentes dispositivos. A curva de visibilidade de cada dispositivo conforma as práticas no interior dele.

Percebemos nessas ações, ao longo dos quatro anos de pesquisa, continuidade e repetição. Isso demonstra que os diversos participantes percebem o que funciona e se utilizam dessa experiência coletiva como matriz de atuação. Os participantes possuem certo grau de autonomia, dependendo do dispositivo, dentro da estrutura, mas acabam por replicar práticas.

Podemos entender, então, que essas matrizes são constitutivas dessas críticas. Elas moldam a ação dos participantes. Paradoxalmente, elas são engendradas e constantemente reconfiguradas pelos próprios participantes em um processo contínuo e que possivelmente será diferente em um futuro próximo.

Essas matrizes de atuação trazem consigo uma historicidade que não pode ser ignorada. Tanto a história dos meios na sociedade, quanto a história pessoal dos participantes e sua relação com esses próprios meios. Decorre desse caráter histórico dos participantes, e consequentemente dos próprios dispositivos, a necessidade de entender essas relações.

Neste artigo, nossa proposta foi ressaltar as possibilidades de análise da crítica jornalística a partir do conceito de dispositivo. Como podemos observar, ele é um operador que dá bases substanciais para a identificação de vozes e movimentos críticos. Pela característica em fluxo dessa crítica, e como característica dos dispositivos sociais, esses dispositivos críticos estão e constante reelaboração pelos atores. Isso nos abre bom campo de investigação científica na busca por mapear novos/outros dispositivos ou mesmo observar as transformações dos que identificamos.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BENKLER, Yochai. **The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom**. New Haven: Yale University Press, 2006.

BRAGA, José Luis. **A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Dispositivos interacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Compós, 2011. Disponível em: <www.compos.org.br>. Acesso em 27 de fevereiro de 2019.

_____. et al . **Matrizes Interacionais - a comunicação constrói a sociedade**. 1. ed. Campina Grande: EDUEPB - Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2017. v. 1. 449p.

BRUNS, Axel; HIGHFIELD, Tim. Is Habermas on Twitter? Social media and the public sphere. In: BRUNS, Axel; ENLI, Gunn; SKOGERBØ, Eli; LARSSON, Anders Olof; CHRISTENSEN, Christian (Eds.) **The Routledge Companion to Social Media and Politics**. Routledge, New York, pp. 56-73.

COELHO, Alisson. **Jornalismo, Sociedade e Crítica – Potencialidades e Transformações**. Florianópolis: Insular, 2017.

_____. **A construção social da crítica das práticas jornalísticas no contexto brasileiro** - Dispositivos críticos na esfera pública em rede. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019.

_____. **Circulação Responsiva** - A crítica social da mídia em fluxo nas redações. In: Simpósio Internacional de Comunicação, 2016, Frederico Westphalen (RS). **Circulação Responsiva - A crítica social da mídia em fluxo nas redações**, 2016.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Crítica e Aufklärung [“Qu’est-ce que la Critique”]. Tradução de Jorge Dávila. **Revista de Filosofia-ULA**, 8, 1995.

_____. The confession of the flesh. Entrevista. In: _____. **Power/Knowledge selected interviews and other writings**. U.S.A., Ed. Colin Gordon, p. 194-228, 1980.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade**. Vol. I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRIEDLAND, L.; HOVE, T.; ROJAS, H. The Networked Public Sphere. **Javnost - The Public**, Journal of the European Institute for Communication and Culture, Volume 13, 2006 - Issue 4.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. A mutação inacabada da esfera pública. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MAROCCO, Beatriz. **Crítica das práticas jornalísticas**, um pequeno inventário. In: Anais do 14º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). 2016.

PELLEJERO, Eduardo. **A Postulação da Realidade** (Filosofia, Literatura Política). Tradução do espanhol: Susana Guerra. Portugal: Vendaval, 2009.

